

OLHARES DOCENTES

Quando o subalterno assume a palavra: significados da escrevivência de Conceição Evaristo¹

Pedro Afonso Barth

Doutor em Letras / Professor da UTFPR



Gayatri Chakravorty Spivak (Índia)



Conceição Evaristo (Brasil)

Na obra “Pode o Subalterno falar?”, publicada originalmente em 1985, Spivak (2010) denuncia o silenciamento de populações inteiras, especialmente em países de terceiro mundo. A autoria investiga formas que fazem com que os subalternos não tenham acesso ao direito de narrar as suas histórias. Na obra, há ainda o alerta a respeito da importância de criar a consciência de que a construção de uma história única, de uma única versão

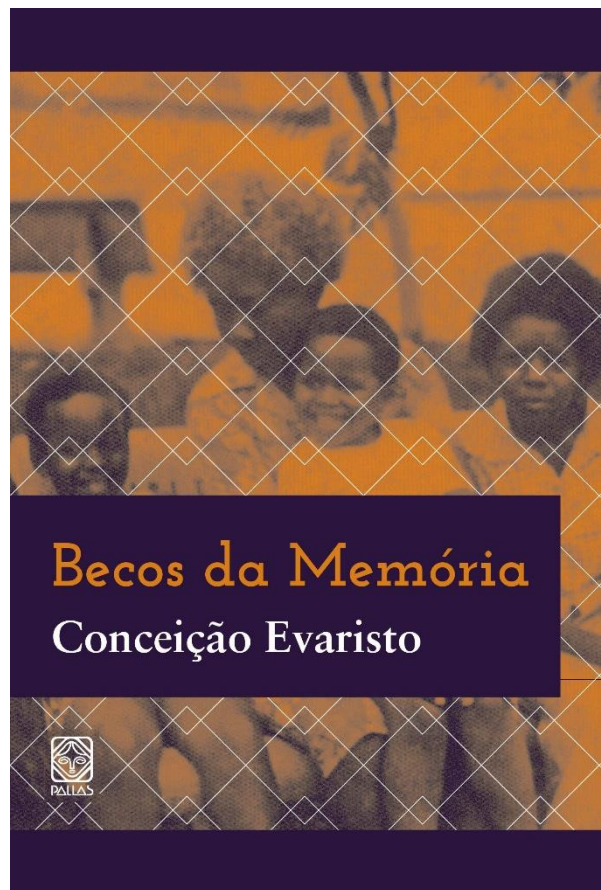
¹ Texto produzido no âmbito do curso Introdução à Literatura de Conceição Evaristo, promovido pela Revista África e Africanidades, sob coordenação da professora mestra Nágila Oliveira dos Santos, no primeiro semestre de 2020.

para os fatos, uma única forma de ver a história de formação de um país, por exemplo, é uma violência epistêmica sobre as minorias, sobre os subalternos. Isso porque, não existe um sujeito único, um sujeito essencial. Somos todos múltiplos. Forjar uma história única, silencia muitas vozes. Na perspectiva de Spivak, um fator complicador para o fato de que os povos subalternos não sejam ouvidos são os processos tanto coloniais como advindos de um modo de produção capitalista que invisibilizam populações, não permitem que possam ter voz. Nesse contexto, o sujeito subalterno é aquele que não é ouvido.

Dessa forma, durante muito tempo, os subalternos são silenciados a todo momento. Uma forma de silenciamento é a atitude de um autor não subalterno representar o subalterno, dizendo que faz isso, pois o grupo não tem voz. Ao fazer isso, ele continua a colaborar com o processo de apagamento de subalternidades (SOUZA, 2018). Assim, uma forma de combater o processo descrito por Spivak é justamente quando o subalterno assume a voz da sua história, a voz da sua vida e narra claramente, enunciando um eu consciente de sua subalternidade e que assim assume uma postura de combate.

Conceição Evaristo constrói sua obra a partir de um local de fala determinado: a sua presença no mundo, a relação de subalternidade que teve que enfrentar ao longo de toda sua vida, crescendo em família pobre, sendo mulher, sendo negra. A partir dessa experiência que a autora cria o termo *escrevivência* que nos dá um importante ponto de partida para compreender a literatura de Evaristo: ele passa pelas vivências de dor, sejam elas passadas, presentes ou projeções de um futuro. Tal ponto de certa maneira torna concreta a possibilidade de dar espaço e voz para a subalternidade. Em suma, ela de certa forma responde ativamente a pergunta entoadada no título da obra citada de Spivak. Como aponta Silva (2015), a escrita de Conceição Evaristo surge com o desejo da presença.

Na obra *Becos da Memória* podemos encontrar um exemplo claro da possível articulação do conceito de Spivak com a *escrevivência* de Conceição Evaristo. A narrativa é permeada de mulheres vivendo essa condição subalterna e submissa (SILVA, 2015). Assim, “no romance há várias passagens que fazem referência a mulheres vivendo sozinhas e criando seus filhos, ou mesmo de mulheres agredidas pelos companheiros (SILVA, p. 7). Porém, a autora conhece na pele essa realidade, e ao contar essas histórias, o ângulo assumido, permite uma atitude de não-subalternidade. Isso porque as verdades, vozes e histórias dessa população subalterna são construídos a partir da sua perspectiva, não uma perspectiva exterior, não pelo exagero, pela comédia, pelo ridículo, ou por



outra voz exterior. Dessa forma, a escrevivência de Evaristo, coloca um eu enunciador que confronta, pois é consciente de sua subalternidade e denuncia isso. Esse é um dos grandes méritos tanto da literatura de Conceição Evaristo, quanto da obra de outros autores negros e negras que fazem das suas vivências um ponto de partida para desvelar as falsas verdades de uma história única.

Referências

SILVA, Márcia Maria Oliveira. As Mulheres de “Becos da Memória”: reflexões sobre gênero e raça no ambiente da favela. In: **Anais do Congresso Africanidades e Brasilidades**. 2015.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SOUZA, Livia Natalia. Uma reflexão sobre os discursos menores ou a escrevivência como narrativa subalterna. **Revista Crioula**, n. 21, p. 25-43, 2018.